

LITERATURA MATO- GROSSENSE NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Madalena Machado
(UNEMAT)¹

RESUMO: O artigo discute a Literatura mato-grossense publicada em jornais de Cuiabá no início do século XX cuja variação temática e estética acompanha o desenvolvimento da Literatura Brasileira em geral. Embora em ritmos anacrônicos, os autores que produziam em Mato Grosso daquele período demonstram aguda conscientização para os problemas humanos que seus textos formatam.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; jornal; Mato Grosso; conscientização.

ABSTRACT: The article discusses the Literature mato-grossense published in newspapers of Cuiabá in the beginning of the century XX whose thematic and aesthetic variation accompanies the

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), campus de Pontes e Lacerda/MT-Brasil (CEP 78200-000) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da UNEMAT, campus de Tangará da Serra. MT-Brasil. madaglae@yahoo.com.br

development of the Brazilian Literature in general. Although in anachronic rhythms, the authors that produced in Mato Grosso of that period they demonstrate sharp understanding for the human problems that their texts format.

KEYWORDS: Literature; newspaper; Mato Grosso; understanding.

A forma narrativa presente nos jornais cuiabanos do início do século XX denota uma preocupação com a estética literária. Autores pouco conhecidos do público e outros renomados na atualidade faziam literatura no intuito de acompanhar o processo evolutivo dos, assim chamados, “grandes centros” no Brasil daquele período. Apesar de uma grande parte dos textos seguir uma tendência romântica, enquanto a Literatura produzida em São Paulo e Rio de Janeiro já formatava a linguagem em termos modernistas; surpreende à primeira vista, a inovação das narrativas. Tomemos como ponto de referência a criação artística de Feliciano Galdino de Barros (1884-1938) que publicou com certa periodicidade em jornais como **O globo**, **A união**, **A violeta** mas, o que interessa a este estudo foi o publicado em **A cruz** em Cuiabá, números: 886 a 904, de maior extensão, a novela **Cinzas do passado** (1929). Também escreve contos neste mesmo jornal que abordaremos em seguida. A novela se estrutura em segmentos de 01 a 21 (I a XXI) nos quais se desenrola um enredo simples, de pouca complicação psicológica; o autor, no entanto, prioriza a denúncia do preconceito racial e social contra os quais erige um protesto, como podemos observar através da descrição e ação dos personagens.

A narrativa se inicia com os pormenores da vida sofrida de Nhá Joanna, mulher pobre, humilde e viúva por ocasião dos acontecimentos narrados. Com cinco filhos para criar, tem especial atenção a filha Emerenciana, a quem com esforço é dada a oportunidade de estudar na Escola Nacional. Neste espaço a filha é motivo de antipatia dos professores por causa de questões raciais.

Felicíssimo da Costa Mourão, o professor de Geografia tem uma aversão maior por Emerenciana, enquanto seu filho Aurélio, sem nenhum talento para as Letras oferece seu material à filha de Nhá Joanna bem como passa a frequentar a casa simples do Beco dos Pedros. O pai informado das visitas frequentes do filho naquele lugar segue-o para confirmar as suspeitas e toma satisfações no seu retorno ao lar. Mourão inconformado com o relacionamento, espanca o filho, quando deixa claro seu preconceito ao referir-se à moça como “aquela negrinha”. O texto prossegue com a saída de Aurélio de casa quando trava conhecimento com outro personagem, João dos Santos ou Janjão. O lavrador humilde o recebe em sua casa e oferece trabalho, emite reflexões com base na história do rapaz, tais como: “Mas pancadas muitas vezes pioram quem nasceu livre ou para ser livre, meu amigo.” A narrativa se concentra na casa de Janjão. Além dos diálogos bem acentuados, temos um elemento de interação com fatos históricos. A criticidade aparece na perspectiva dos lavradores quando comparam guerras e seus resultados com a prática da agricultura. É possível estabelecer o comparatismo com a morte do presidente Getúlio Vargas e a situação de instabilidade que o país atravessou naquele período, na frase: “si num tempo em que os homens se suicidam e as instituições perigam.” Segue-se que o narrador retorna ao dono da casa e seu hóspede a quem é oferecido além do trabalho na lavoura, o ofício de ensinar as primeiras letras aos quatro filhos de Janjão. Aurélio se apresenta ao lavrador para o trabalho na roça. Então o leitor fica sabendo a história progressiva do anfitrião que não é oriunda do meio rural. Foi funcionário público, com economias consegue adquirir a pequena propriedade onde mora e tira o sustento da família. Na voz desse personagem há uma crítica explícita sobre o êxodo rural e as dificuldades que as pessoas encontram na vida urbana. Após oito meses Aurélio pede para se ausentar do trabalho no dia seguinte. O personagem chega à casa humilde de Nhá Joana onde encontra com a moça de dezessete anos, Emerenciana. Ali, o rapaz explica o motivo de sua ausência, pergunta por todos e do resultado dos exames da moça na Escola Nacional.

A mãe fala do abatimento da filha por causa da reprovação com interferência direta do professor de Geografia no caso, mesmo após tanta dedicação nos estudos. O rapaz até como forma de compensação se propõe a casar com Emerenciana.

Num clima de romantismo vemos que a moça se mostra surpresa, envergonhada pela ousadia de Aurélio, mesmo assim aceita a proposta. Nhá Joana alerta para a oposição firme dos pais por causa das diferenças raciais, sociais; ao que Aurélio responde alegando sua maioridade e independência, também convida a todos para morarem juntos após o casamento. Com o fim do dia, há o retorno de Aurélio ao sítio de Janjão onde é saudado com entusiasmo na casa do lavrador que conta o motivo de sua ausência e relata a novidade do casamento. Embora a casa seja de gente humilde, os valores, a maneira de enxergar a vida e as pessoas é bem diferente em relação aos pais de Aurélio que se querem da elite. Há o convite formal de Janjão para que todos morem no sítio após a oficialização do relacionamento. O Sr. Mourão fica transtornado ao saber do casamento e tenta de todas as formas impedir, colocando um espião ao encalço dos noivos – o personagem Joãozinho, codnome Fuça-fuça – Com isso temos a entrada de novos personagens na trama. A ação se concentra na casa de Mourão onde sabemos da desaprovação em relação a seu comportamento com o filho, por parte da esposa América, da cunhada Amália e da filha Luizinha.

As personagens femininas são fortes, a ponto de Mourão sem mais nenhum argumento para impedir o casamento de Aurélio, ir pedir a intervenção da fazendeira D. Maria Paes que é madrinha de seu filho. Ao que ela ignora, afrontando prontamente o preconceito externado de seu compadre. Enfim, ficam sabendo por Fuça-fuça dos proclamas do casamento e em seguida que os dois se casaram sem o consentimento de Mourão. Três anos se passam e nesse ínterim, há a derrocada do Professor de Geografia. Perda na política, o emprego, inclusive começa ter dificuldades para sobreviver,

enquanto vemos o nascimento do filho de Aurélio e Emerenciana, com suas vidas estáveis. Ao saber dos problemas do pai, Aurélio se vê na obrigação de ajudá-lo ao que ele resiste orgulhosamente. Por intermédio da tia Amália, há uma aproximação das famílias, inclusive pedidos de perdão mútuos e o reconhecimento do neto por parte do avô, ao aceitar maravilhado batizar a criança, do mesmo modo reconhece seus feitos errados do passado.

A novela de Feliciano Galdino apresenta enredo tradicional, sem complicações psicológicas, a cronologia dos fatos é fixa, personagens delineados conforme suas configurações: mulher pobre, filhos pequenos, moça esforçada conquista a simpatia do rapaz bem situado e por isso traz a desarmonia familiar na casa paterna. Mulher negra e pobre causa simpatia a um rapaz branco e com melhores condições financeiras e sociais. Apesar do arranjo simples dos acontecimentos, o narrador inicia uma abertura para conscientização dos fatos históricos e suas implicações na vida singela do lavrador. Aqui podemos extrapolar uma visão regionalista do conto uma vez que a abertura para se pensar nos efeitos do caos político no país é feita por um homem do povo – referência à situação de instabilidade no Brasil por ocasião do suicídio de Getúlio Vargas – . A linguagem oscila entre palavras de um português arcaico do tipo: (sorpresa, annos, creanças, della, antipathia, collegas, annuaes, francez, inglez, pae, sahiu, atrahido); expressões de cunho popular: “um trabalhão de quatro costados”, “apesar de uma sova que lhe pespegara o pae” e simpatia do narrador para a causa racial presente no conto: “Tinha Aurélio muita compaixão por Emerenciana, pois sabia da antipathia que lhe votavam alguns dos professores e principalmente seu pae, por preconceitos de raça.”

Embora não seja uma inovação temática para a Literatura Brasileira, a narrativa de Feliciano Galdino acompanha uma tendência expressa em autores consagrados como José de Alencar e Bernardo Guimarães. No romance **Senhora** (1875), José de Alencar trabalha a questão do preconceito social ao apresentar a protagonista: Aurélia

Camargo que, no passado foi preterida por outra moça em razão de sua situação financeira inferior. Fernando Seixas então, sem saber dos planos da (agora) moça rica, casa-se com esta e sofre a vingança planejada por Aurélia. Já Bernardo Guimarães com o romance **A escrava Isaura** (1875), junta a denúncia da escravidão com o preconceito social numa única personagem que inclusive intitula o romance. Não sem razão que tanto o romance quanto sua versão televisiva tenha alcançado enorme sucesso dentro e fora do Brasil, justamente por tocar fundo em questões atinentes a todo ser humano, tais como a liberdade, o amor, a lealdade.

Dessa maneira, podemos dizer que a narrativa presente no jornal mato-grossense de 1929 acompanha um ritmo de conscientização dos autores brasileiros para os problemas de um país que se firma junto de sua Literatura. O questionamento que encontramos em **Cinzas do passado** abre perspectivas ao leitor que se pergunta o porquê de Aurélio e Emerenciana não poderem ficar juntos. Também é importante ressaltar que os contornos do preconceito que de início o narrador apresenta como sendo de toda a família, aos poucos recai somente no pai, Felicíssimo da Costa Mourão. Notemos que é um dos poucos personagens com nome e sobrenome no enredo, isto acontece porque o narrador enfatiza o comportamento de toda uma classe social. Ainda traçando uma comparação com os autores mencionados, podemos dizer que o autor mato-grossense trilha o mesmo percurso romântico ao assinalar um final feliz aos seus personagens, quando o amor soluciona todos os impasses.

Já as narrativas curtas de Feliciano Galdino publicadas no jornal **A cruz** oscilam muito na qualidade estética. No conto A árvore maldita – novellas de outra idade (1928), temos uma interessante discussão em relação à fé aliada ao aspecto de criticidade que o ser humano é capaz de empreender. O assunto da narrativa lembra bastante o conto A igreja do diabo do livro **Histórias sem data** (1884) de Machado de Assis. Retomemos deste conto o fator do

questionamento introduzido na narrativa, algo encontrado no conto de Galdino. Neste, o Diabo descobre um homem predisposto a colaborar no seu projeto de reformar a sociedade, então planta à beira de um pequeno bosque uma semente que mais tarde se transforma numa frondosa árvore. Metáfora para a corrupção que desde então assola o mundo. O tempo passa, o homem morre e é colhido pelo Diabo no reino do inferno; no desespero suplica a Satanaz que o deixe sair meia hora, pois havia deixado um serviço por fazer. Na verdade queria voltar ao lugar onde havia plantado a árvore inicial com o intuito de acabar com o mal espalhado. Isto serviu de deboche ao Diabo, pois a árvore fora arrancada, mas suas sementes já haviam sido espalhadas pelo mundo inteiro. Chama atenção no conto o aspecto moral e crítico que transmite a narrativa. Primeiro é evidente a associação com a fé, dado as comparações com a Escritura Sagrada. A luta entre o bem e o mal, o aspecto do homem novo presentes na Bíblia que Feliciano Galdino retrabalha, mostra criatividade no recurso literário. As variações designativas do maligno no conto denotam o poder que ele adquire ao encontrar – como na parábola bíblica – solo fértil às suas pretensões. Notemos: Belial, Diabo, Satanaz, Satan como num arranjo dos erros todos que podiam corromper, envenenar a humanidade, através da ambição e vontades frouxas dessa, alicerça suas idéias. O escritor não deixa de pincelar o sentido moral do conto ao destacar a crise da crença junto ao caráter, ocasião para que o mal se instale e perdure.

No conto *A batina nova do Sr. Vigário* (1926) a qualidade estética decai muito. Embora a fotocópia que temos apresente um corte no enredo, podemos observar no conjunto que faltam criatividade e criticidade principalmente. Um padre numa aldeia pobre, sem recursos para a igreja sequer para comprar uma batina extra, um dia teve que se ausentar do lugar e na volta toma uma chuva no caminho. Disto resulta num resfriado que, percebido pela população, resolve se juntar para presentear o pároco. Todos contribuíram com o que podiam menos Joaquim Antero que zomba da situação. Pouco depois do padre ter usado a batina nova pela

primeira vez no domingo seguinte, Joaquim Antero teve uma briga feia com a mulher, da discussão passa-se a agressão física ao que os vizinhos intercedem. Com risco de morrer, chamam os dois únicos policiais do lugar, mas Antero foge e se esconde na casa do pároco, mais exatamente na batina nova do Sr. Vigário, sem ser encontrado. Podemos observar ainda neste conto a linguagem arcaica ou de cunho popular, tais como: “attende-los”, “cahir”, “sábbado”, “parochianos”, “secca”, “o bom do padre”, “communicou”, “manhan”, “mollesa”, “bocadinho”, “parcellas”, “eguaes”, “mettidas”, “aldeans”, “encommenda”, “cambeteando”, “Acodem os visinhos”, “peior fica a história”, “cangapé nos quadris”, “soccorro”, “policiaes do logar”, “beiradeia um cercado”. Pelo conteúdo, temos a impressão que a história iria continuar, algo que não acontece.

Com o conto O soccorro de Jesus (1929), Feliciano Galdino volta a produzir uma narrativa de cunho moralista. A narrativa trata da vida do coronel Carvalho; homem austero, rico e preconceituoso com os de condição inferior, atribuindo à pobreza a falta de empenho das pessoas. Sua esposa é o contrário de sua personalidade: afável, benfeitora e acolhedora com os mais necessitados, o que irritava muito o marido. O coronel, implacável com os seus devedores, cobrava os juros sem piedade; um certo dia, o alfaiate da cidade vendo-se endividado no comércio vai até o coronel lhe pedir empréstimo. O coronel cede o dinheiro a custo da hipoteca da casa do alfaiate. Vencido o prazo e sem conseguir dinheiro para o pagamento, ele pede clemência ao credor sem sucesso; então o homem cai em desespero, entra no vício da bebida ao que o coronel não perdoa. Num dia de chuva, a mulher do coronel dá abrigo a um mendigo o que contraria muito o Sr. Carvalho, quando este sai à porta para manifestar sua reprovação, ouve-se um tiro, certo no mendigo entre a esposa e o marido. Era o alfaiate e um amigo resolvidos a se vingar do coronel. Vendo sua vida salva pelo mendigo, acolhe-o pessoalmente em casa até sua recuperação e num gesto de contrição e arrependimento vai até o oratório da esposa

agradecer, o que segundo ele era a intervenção direta – o socorro de Jesus na sua vida. Assim como em outros contos desse escritor, a face moralista prevalece no sentido de regenerar pessoas que demonstram preconceitos – seja de raça ou condição social – a fim de uma transformação muitas vezes por via da religião, da fé. Neste em especial, o coronel Carvalho é o personagem em questão. Juízos do tipo: “Se trabalhassem – dizia – não precisariam andar de porta em porta, à soleira das suas mansardas ou à beira das estradas a pedir esmolas.” Ou este: “Gosto mais de dinheiro do que de prosa fiada”, demonstram a personalidade do coronel que ao longo do conto prevemos sua metamorfose. Inclusive porque é comum na narrativa de Galdino que exista personagens no extremo oposto, ou seja, dóceis, compreensivos e, sobretudo, tementes a Deus e a seus mandamentos. O amor ao próximo se sobrepõe nas narrativas deste escritor.

Já o conto O meu gatinho rajado (1932) embora no final vemos que é dirigido ao público infantil, deixa muito a desejar no nível estético, crítico, enfim de criatividade artística. Um rico fazendeiro tem um gato rajado, o mimo da família; o gato mesmo sendo muito afável com as pessoas da casa, persegue impiedosamente as rolinhas do terreiro. Assim, o fazendeiro doa todas elas ficando o gato a reinar na residência. Um dia o felino some para desespero de todos, maior o do fazendeiro que sai à procura do animal, meio envergonhado em sair à cavalo pelos arredores mas o amor falava mais alto. Oito dias se passaram sem notícias do gato até que ele resolveu oferecer uma recompensa para quem trouxesse de volta o animal. Os moradores da região ficaram eufóricos e um em especial tendo vestígios do gato saiu a campear. De longe vendo certos vestígios persegue o animal que sub-repticiamente volta sozinho à casa do dono para alegria geral na casa. Com o fecho: “Eis ahi, mimosas creanças, a pequena história do meu gatinho rajado”, Feliciano Galdino parece se desculpar dessa criação demonstrando que se trata de uma narrativa dirigida às crianças porque só nestas linhas finais vemos tal intenção. Antes a psicologia toda é do adulto,

o comportamento, a relação com as pessoas e os animais não demonstram a perspectiva infantil.

O nosso Angelus (1922), último conto desse escritor selecionado para o presente estudo no jornal cuiabano **A cruz**, é muito feliz na abordagem de cunho filosófico-religioso porque há coerência desde a apresentação, o desenvolvimento e o fecho do pensamento. É importante observar que esta narrativa integra, conforme informação no final do texto, o livro **Grupiara**; portanto, podemos deduzir que se trata de uma produção mais esmerada, mais pontuada pela reflexão conforme exigência do tema. Não se trata de uma narração tradicional nos termos em que vínhamos acompanhando nessa Literatura, com enredo estruturado cronologicamente, pouca densidade psicológica, com um fundo moralizante. O assunto é o sentimento do homem em relação à uma hora específica do dia: seis da tarde. Hora que para os católicos tem uma significação especial, pois é o momento de se rezar a Ave-Maria; oração das seis, momento da transformação do dia em noite, implicando aí a transformação do coração do homem que além de agradecer as bênçãos do dia, pede proteção para a noite ou o desconhecido que esta representa. O sol que se recolhe junto do trabalhador indicia um novo começo, um repensar dos fatos e suas conseqüências. As cores da agonia, a aura revigorante das plantas, fazem surgir no coração do homem o desejo de compreender os mistérios da vida. Assim, o Angelus enquanto momento de introversão se faz poema cheio de vida e “arreatadora harmonia”. Disso extraímos que este texto de Feliciano Galdino aborda reflexões concernentes à existência e seu questionamento.

Dentre os gêneros narrativos, o conto e a novela ganharam popularidade em decorrência de serem publicados inicialmente em jornais. Originária da França no fim da Idade Média, a novela, próxima do romance graças ao tom realista que possuía, tinha pouca distinção do conto. Apenas a extensão era o diferenciador entre os dois. A partir do século XIX quando os escritores foram ampliando as possibilidades da produção literária se apoiando na concentração

do enredo para produzir efeitos no leitor é que a novela se firmou em temas mais amplos. Assim, este gênero narrativo se volta mais à literatura fantástica, policial ou de ficção científica enquanto o conto tem ampla liberdade temática, é mais concentrado tanto no número de personagens quanto na ação do enredo. As novelas do **Decameron** (1348 e 1353) de Giovanni Boccaccio são a fonte mais antiga e giram em torno de fatos comuns, corriqueiros da vida dos personagens sem o atrelamento à fé. Também serviu de elemento popularizante os textos recolhidos por Bocage em **Les cent nouvelles nouvelles** provavelmente entre 1462 e 1466. Quanto às diferenciações podemos apontar nas novelas a concentração sobre um evento ou episódio; personagens menos numerosos e desenvolvidos que um romance e fim muitas vezes inesperado, ou em poucas linhas. A novela se permite pequenas pausas, digressões a fim de explicar determinados eventos, sendo mais voltada a fatos verossímeis.

O conto enquanto gênero narrativo nasceu de forma oral. Só a partir do Renascimento que começa a ser escrito, funcionalmente tem distinções, seja quanto à criação ou a difusão. O conto oral por sua popularização serviu aos interesses dos nacionalismos do século XIX de onde vem a noção do “povo”. Já o conto cuja tradição é escrita ou letrada deu origem ao termo “literário” a essa forma narrativa quando oposto ao conto popular. Autores como Straparole, Perrault estão mais próximos da tradição oral enquanto Hans Christian Andersen e Edgar Allan Poe já se associam mais à cultura letrada. O conto é mais direto na abordagem do tema, não há possíveis analepses a fim de esclarecer determinado ponto obscuro na narração. Esta narrativa curta nos seus primórdios se prestava mais à fantasia, devaneios da imaginação; com sua popularidade via publicações, o domínio do aspecto filosófico ganha terreno e se fixa como forma de criticar valores sociais e culturais vigentes. Tanto a novela quanto o conto em termos teóricos, adquirem o estatuto de obra literária justamente por produzir um efeito emocional muito particular. A linguagem que observamos

nestas ficções é utilizada para criar, fazer nascer determinado tipo de visão do mundo e não simplesmente relatar fatos. É o que podemos avaliar com a realização criadora de um dos escritores mato-grossenses mais prestigiados, José Barnabé de Mesquita (1892-1961). Com vasta produção poética e obras na área do Direito, teve seus textos publicados em vários órgãos da imprensa, dentre eles: Revista do Brasil, Ilustração brasileira, Jornal do Comércio e Revista da Academia Brasileira de Letras. Além de ser fundador da Academia Mato-grossense de Letras, foi sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Romancista, historiador e contista, é esta última faceta que nos interessa aqui.

Publicados inicialmente no jornal **A cruz**, em Cuiabá no início do século XX, alguns contos aqui interpretados foram reunidos no livro **No tempo da cadeirinha** (1946), dentre eles estão: A encomendação das almas (1929), O salamaleque de pai João (1929), Tibarané (1929), A cortina branca (1933), O voto de João Gualberto (1933), este título no livro muda para A promessa de João Gualberto. O conto O natal do comunista surgiu nesse jornal, nº 1213 em 1935 e ganhou versão em livro pela Revista de Cultura Ano X, nº 112 em 1936 no Rio de Janeiro. Para uma leitura mais didática dessa contística, consideramos mais apropriado agrupar os contos por ordem cronológica conforme apareciam no jornal.

Temática constante na produção contística de José de Mesquita diz respeito ao fator religioso, expressão da vida naquele início de século no Estado de Mato Grosso. A exemplo temos o conto A encomendação das almas (1929) que trata da vida simples de uma viúva, *siá* Teodora e sua filha Çula. A moça mesmo tendo uma educação mais avantajada para sua classe social por causa da proteção do padrinho rico, tinha costumes que desagradavam a mãe, tais como a preguiça, a curiosidade, a bisbilhotice principalmente. Esta última é o que leva Çula a mudar de hábitos, desde seu desejo imenso em saber detalhes da procissão que encomendava as almas na época da quaresma. Na hora em que o cortejo passava a moça aparece na porta e recebe de um dos rezadores uma peça que dizia ser uma

vela, a mãe tinha saído e na volta de madrugada encontra o embrulho, quando abre e a filha acordada também presta atenção, percebem ser uma réplica do osso da perna. Isto provoca espanto em ambas e mudança no comportamento da filha desse dia em diante. Nenhuma surpresa, nem inovação no conto, apenas o registro da vida ordinária numa cidadezinha colonial do interior.

O salamaleque de pai João surge também em 1929 e conta a história de um ex-escravo na Vila Real de Bom Jesus. A capitania estava em festa para receber o governador Carlos Augusto d'Oeynhausén Gravenburg em 1807. Todos, do maior ao menor na província se mostravam entusiastas em receber tão ilustre figura e esperança de progresso já que o convidado deixou provas de boa governança em outras capitanias tais como do Grão-Pará e Ceará. Cuiabá estava em alvoroço, festas sacras e profanas, cavalcadas, representações teatrais, tudo demonstrava a alegria de todos em receber o futuro governador, mas ninguém se mostrava mais feliz do que o velho pai João que dizia ter conhecido o convidado ainda na corte no tempo que era guarda-marinha. Com a ajuda da esposa Catrina, preparou a melhor roupa, indumentárias, tudo que suas economias podiam lhe proporcionar. Sem filhos, adotara desde o nascimento a afilhada Susana a quem os padrinhos cobriam de mimos. Na véspera da chegada do governador, pai João ensaiava no espelho qual a melhor maneira de cumprimentar seu antigo amo. Entre fórmulas prontas e protocolos oficiais, nada lhe convinha que pudesse comprovar a intimidade de outrora, quando para sua surpresa chega em pessoa Carlos Augusto. Caindo por terra e esquecendo toda a preparação, pai João tomado pelo velho instinto apenas consegue expressar a saudação dos tempos de escravidão: “sus Cristo, meu branco!” Este conto em especial registra a alma cuiabana do século XIX, usos, costumes, enfim o jeito de viver daquela gente predisposta na pena mesquiteana.

O conto Tibarané (1929) narra a vida simples de uma mulher *viúva* Felícia, entretida com seu tear de redes enquanto o mundo lá fora vivia uma agitação. Episódios históricos como o da Rusga em

Mato Grosso; o terremoto de 1831; a morte de Poupino em 1837; a “peste grande” de 1844, são considerados pela personagem como distantes, indiferentes ou mesmo fatos sem importância. Ninguém sabia de seu passado e ela jamais falava sobre. Um dia chega a sua casa um velho mal trapilho, barbudo, com um bastão na mão e, para espanto geral da vizinhança *sia* Felícia sai de seu tear e vai receber a visita. Hipóteses foram formadas de quem seria o estranho, o marido, um amante, irmão, mas ninguém soube ao certo até que no dia seguinte à mesma hora o homem volta com uma trocha nos ombros, sendo recebido em casa pela tecedeira. Aqui a referência à Penélope é nítida, tanto pela paciência quanto pelo ofício. Uma das vizinhas não se contendo de curiosidade foi até a casa e pergunta logo quem era o estranho, ao que para sua surpresa fica sabendo tratar-se do filho de Felícia. Rodrigo era seu nome, correria o mundo em busca de dinheiro, ilusão e voltara sem esperança. A mãe conta à vizinha que seu mal foi ter visto o Tibarané. Quando jovens, ela e seu filho moravam perto de um senhor de engenho, português de grandes posses e uma filha lindíssima por quem Rodrigo se apaixonou e foi correspondido. O pai dela sabendo disso mandou-a para um sítio de parentes, Rodrigo a seguiu e para seu sofrimento descobre que a moça casara com um primo mais velho e rico. Ele desnortado, volta para a casa da mãe e num dia ao entardecer senta-se a porta de casa e começa a assobiar uma canção que lembrava de sua amada, ao que é advertido pela mãe com a vinda do lendário Tibarané. De fato, logo em seguida vem a sua presença um velho bugre que lhe pede fumo, ele espantado chama pela mãe que atende o pedido do homem. Depois disso, Rodrigo sai pelo mundo e volta após trinta anos como um filho pródigo à casa materna. Começa a perguntar por todos os conhecidos ao que *sia* Felícia percebe sua real intenção e conta-lhe que sua amada morrerá, deixara uma neta que naquele instante tocava ao piano a canção preferida dos enamorados do passado. Abraçado pela mãe, Rodrigo chora ao instar dela dizendo que na idade dos dois o Tibarané não viria mais. Este conto tem o mérito de ser o primeiro nas Letras mato-

grossenses a registrar a lenda do Tibarané, passada de geração a geração e que teve na escrita de José de Mesquita a garantia de sua posteridade. A tendência da narrativa é também de reproduzir “as crenças, os usos e costumes da família cuiabana.” como bem atesta Hilda Magalhães, (2001, p. 57).

De maneira geral, o senso estético do literato se apropria de diversos estilos presentes na literatura produzida em Mato Grosso naquela época. Predomina, entretanto, o formato romântico nos contos, tais como: O voto de João Gualberto (1930) que conta a vida da personagem que intitula a narrativa e seu amor por uma moça mais jovem e rica que ele, Mariana Amélia. Vem o impedimento da linhagem, ele sofre, busca ajuda com a velha mãe de leite e faz uma promessa para conseguir se casar. Viaja à Goiás, neste tempo a moça fica doente de amor e, prestes a morrer é salva pela volta do pretendente e o consentimento dos pais para se casar. Tudo acaba bem, com João Gualberto indo pagar promessa feita à santa protetora. Além do enredo banal, o romantismo se expressa por um valor religioso forte no sentido de resolução dos problemas da vida; o amor nasce como uma visão sobrenatural, há o impedimento e a solução feliz ao final.

Recorrente na obra contística aqui interpretada o pendor romântico se firma pelo aspecto religioso entrelaçando fatos e sentimentos para a resolução dos problemas vitais estampados nas narrativas. Isto não significa uma simples referência direta, visto José de Mesquita ser homem religioso, testemunha, entretanto, uma natureza estilística articulada a um modo particular de entender a vida a que seus personagens protagonizam. Exemplo disso é Visita à cathedral escrito em 1926 e publicado em (1932), primeira narrativa que consta a presença de Teófilo e Maria da Graça, então na condição de noivos. É uma longa descrição da igreja onde eles frequentam desde a infância. Estes personagens crescem na galeria literária de Mesquita, protagonizando várias outras narrativas para o jornal **A cruz**.

Outro episódio estampa o conto *O poder da prece* (1933). Teófilo e Maria da Graça saem da igreja após a missa e discutem a respeito do quanto Deus escuta de pedidos ora absurdos, ora improváveis. Há recorrências à passagens bíblicas que tratam do poder da oração, variando com os teólogos e doutores da igreja ao que Maria da Graça acrescenta que seus pedidos são atendidos porque são feitos com fé e de acordo com o que Deus defere. Vários momentos de dificuldades na vida do casal são levantados seguidos da justiça nos pedidos divinos para superá-las. Na mesma linha introspectiva temos, *No país das sombras* (1933) que se ocupa em tecer considerações a respeito da morte e seus efeitos no cotidiano das gentes, pela ótica dos personagens apontados. A lembrança do desaparecido que continua mesmo com o tempo teimando em querer suprimi-la, faz com que se almeje o Infinito e seu poder de abstração. A dicotomia é clara entre Maria da Graça que acredita na presença dos mortos entre os vivos e o a descrição do real na voz de Teófilo, atribuindo tal sensação à saudade e ao desejo de que permaneçam vivos. Para ele é preciso distinguir bem claramente entre os que morrem e ascendem a uma esfera espiritual e o mundo da matéria bem concreto neste sentido. Apesar de entender a vida dentro de um mistério bastante fechado. É de comum acordo que há uma bipartição entre a matéria e espírito e de que após a morte quem tem sensibilidade para observar o mistério, pode “ter” de perto a presença de quem partiu. O conto testemunha outro tema bastante comum na literatura mesquiteana, a morte e seus desdobramentos na consciência dos personagens. Motivo de inquietação, as reflexões sempre se cercam do contraste à vida e como superar a perda de entes queridos.

No mesmo ano de (1933) sai o conto *Sublimação* no qual Teófilo aos poucos percebe como se tratasse de uma escalada montanhosa a convivência com Maria da Graça e o quanto isto acrescentou à sua experiência humana, pois não se restringe apenas às sensações físicas e sensoriais mas, também ao mundo das emoções psíquicas. Atribui à amada ainda na condição de noiva, o poder de

extrair de si o melhor, no caso, a sublimação que dá nome à narrativa ao ponto de expressar: Maria da Graça ensinava-lhe a vida. Retomando a expressão “menina e moça” de Machado de Assis, o narrador identifica nela a experiência, bom senso quando ensina perdoar tanto de coração quanto com as palavras. Se não, poder esquecer as ofensas recebidas. Novamente retoma a idéia da caridade para bem dos relacionamentos, passando pela via dolorosa do sofrimento, chega-se ao desejado equilíbrio tanto das emoções quanto das relações. Para toda espécie de mal ou daqueles que o praticam, Maria da Graça logo se manifesta dizendo tratar-se puramente da falta de amor verdadeiro. Diante da postura da noiva, Teófilo se vê influenciado até em sonhos pelo que chama de “espiritualizante eflúvio de sua presença”, como se tratasse de uma interferência divina direta na sua vida, antes desregrada e sem objetivo.

A saga do pensamento entre os dois personagens prossegue no conto O pântano (1933) no qual os noivos ao atravessarem por um pântano pútrido e escuro passam a usá-lo como metáfora para a condição humana. Reticente, Teófilo quer logo sair do local por temer seus males futuros ao que Maria da Graça pondera sobre a necessidade de toda pessoa atravessar por ele. Decomposição ou morte, corrupção ou vaidade são sinônimos para o pântano que os rodeia naquele instante e que acompanha a vida, infirma a noiva acompanhada de perto nas opiniões do engenheiro que explicitamente é visto no conto como poeta. Assim como as aparências enganam, o pântano também e, querer se aproximar, pior se aprofundar é corromper a paisagem moral. Quem chega do outro lado é aquele que sabe guardar a esperança, o amor e a santidade conforme se apregoa no conto.

Os paredistas surge também no ano de (1933), um diálogo entre os dois personagens agora a respeito de um motim no estabelecimento em que Teófilo exercia o cargo de chefe. O conto todo, apesar de mostrar a consciência pesada do engenheiro por ter colocado fim à rebelião dos funcionários chamando a polícia, é a voz oficial de um dos lados do problema. Maria da Graça mais uma

vez interfere entre sutilidade e exemplos bíblicos, demonstra ao marido que ele cumpriu seu dever e que todos devem assumir as conseqüências de seus atos. Os paredistas conforme são tratados os rebeldes, não têm oportunidade de mostrar sua versão dos fatos, apenas tratados como subversivos, anarquistas e sabotadores do patrimônio social, da hierarquia, da disciplina.

A introspecção de Théophilo em *O assalto* de 1933 gira em torno do quanto é necessário crescer para se chegar ao estágio de perdoar e esquecer. Tomando exemplos de Bernstein, Shakespeare, Rabelais e temas religiosos, o engenheiro-poeta tece considerações sobre o momento a que todo homem chega a que tem de tomar uma decisão, é o assalto. Fustigado pelos embates da vida, perseguições e maledicências, a hora da provação é também o momento crucial, geralmente por volta dos quarenta anos, a iluminação para o que significa a verdadeira condição humana. Até atingir essa conclusão, Théophilo é conduzido pela presença inspiradora da noiva Maria da Graça a quem reconhece como aquela que lhe ensina como maior, a vitória sobre si mesmo.

A cortina branca (1933) tem um tom metalingüístico, contar o que se ouviu de outrem. Os acontecimentos já se passaram e em retrospectiva ficamos sabendo da história de João Pedro de Moraes Batista de família nobre cuiabana, fora mandado para estudar na corte portuguesa. Apesar dos perigos da viagem e da saudade da noiva Lizarda, vence os obstáculos. Nove anos se passaram, com a distância e o tempo o amor da moça minguou e por fim acabou por trocar o pretendente distante por um oficial de milícia, recém chegado à capitania. João Pedro ainda nutria esperança pois o casamento foi marcado justo no dia em que ele pensava voltar à terra natal. Partiu e quando chegou, preferiu tomar o caminho do sertão ao invés de ir pelos rios. Já perto de onde morava teria que passar necessariamente pela casa de Lizarda, não tendo alternativa arriscou, apesar de saber que era a época em que os dois haviam planejado se casarem quando ele retornasse. Talvez fosse o dia do casamento e ele não sabia, várias pessoas se agrupavam em frente à

casa da moça com um aspecto de que algo extraordinário se passara, o mistério aumenta mais quando percebe uma cortina branca entre o salão e a rua. Aproximando viu o padre, o noivo no seu uniforme de oficial e Lizarda vestida de noiva e rodeada de flores dentro de um caixão. Narrativa que mistura o matiz romântico com o modo de vida da sociedade retratada.

O conto seguinte tem como título *O Natal do comunista* (1935). O protagonista é Sérgio Petrovich Sovaroff, a ótica da narrativa é dele, da revolta contra os burgueses e sua classe exploradora dos operários. A revolução naquela cidadezinha do interior seria deflagrada justo na noite de Natal após o terceiro sino da missa do galo. As lembranças do personagem sobre sua vida rotineira, o amor de sua esposa e dos dois filhos, a harmonia em que viviam mina aos poucos a firme decisão de integrar o massacre que estava previsto para aquela noite. Enquanto observa o sono de sua família, chama-lhe a atenção o crucifixo na parede de seu quarto e o quanto ele esteve presente em momentos decisivos de sua vida. O quadro familiar, a harmonia ali presente junto da crença que a família tinha derrotaram em seu interior aquilo que ele chama de teorias exóticas e contrária aos sentimentos de seus queridos. Beija a mulher, os filhos e sai de forma desabalada a fim de impedir o incêndio programado, denunciando-se e a seus camaradas. A narrativa encerra por um tom moralizante em que contrasta a figura vitoriosa de Jesus de Nazaré, visto como o amor e o perdão contra o ódio e a violência na figura “torva” de Marx. Embora o conto demonstre profunda conscientização dos problemas sociais, prevalece a visão religiosa do mundo.

A próxima narrativa no jornal **A cruz** é *Dar e receber* (1938), marca o retorno do casal Théophilo e Maria da Graça. Um dia o marido observa o comportamento arredio da esposa e quer saber o porquê, Graça descobre que Théophilo guarda um segredo e lhe questiona. O caso é a ajuda a uma pobre gente da qual extrai o título do conto. Há uma discussão a respeito das origens bíblicas da expressão e o conto encerra num entendimento entre o casal. Estes

personagens também constam no conto *O modelador de almas* (1939), é a reflexão do casal sobre a diferenciação entre vida e arte. Para o marido são coisas independentes, já Maria da Graça acredita que se completam. Para um, não se pode buscar correspondência na vida real para o que se lê enquanto a outra insiste que os que escrevem são como modeladores de alma que esculpem com o espírito as criaturas do romance, por extensão, da vida. No contraste entre real e imagem o conto acaba resgatando a conhecida conceituação da **Poética** de Aristóteles.

A narrativa *Estandarização* de (1939) versa sobre o dia do aniversário de um ano de casamento de Teófilo e Maria da Graça, eles fazem uma pequena recepção da qual retiram pensamentos acerca da vida moderna daquele ano. Instigando e até mesmo provocando as opiniões da esposa, Teófilo acaba por acatar que há uma uniformização nos modos de agir, usos e costumes das pessoas que querem a todo custo aparentar-se modernas. Isso além de ser a perda de originalidade, infringe o massacre às atividades humanas quando todos parecem iguais para serem diferentes. Ao que Maria da Graça vê uma maneira de escapar sendo de opinião própria, sobretudo, se eles se mostrarem arraigados à tradição do passado. Para ela a beleza dos estandardizados passam, assim como a vulgaridade da vida moderna. Como uma bandeira, acrescenta: “Defendermos o nosso eu da voragem do trivial e do moderno. Sermos fiéis à tradição e ao patrimônio moral que recebemos.” Tudo isso para fugir da nivelção.

Outro trecho de novela é *Variações sobre a vida* (1941). O casal voltando de uma missa discute o valor da caridade e o que vem a ser a felicidade. Novamente é Maria da Graça quem dá a receita com base nos ensinamentos religiosos, ao proferir conceitos do tipo: paz interior ou confiança e serenidade aliados à fé. Ao que não se chega sem passar pelo sofrimento, espécie de decantação das boas qualidades.

A cruz publica em 1941 o conto *Amparo*. Aqui José de

Mesquita parece hesitar no nome dos personagens que vinha consagrando capítulos de novela. A Maria que antes lembrava um dom (Graça) agora representa o pilar que o protagonista encontra para sua vida. Guilherme revê sua existência inócua de antes, sem firmeza na religião, desregramentos, sendo mais um na multidão em busca de lucro e prestígio, levado pelo vício e conivente na corrupção. Buscando exemplos na religião, o personagem se refere a sua conversão como se fosse novo Paulo ou um Francisco de Assis que têm uma radical mudança de vida. No caso de Guilherme, a metamorfose se deve ao conhecimento e convivência com Maria do Amparo, com ela compreendeu a presença de Deus na sua vida e o sentido de amar e perdoar.

Percebemos pelos títulos dos contos a importância de sentimentos no desenrolar da vida dos personagens como no caso de Confiança (1942). Mais uma vez os personagens são denominados Guilherme e Amparo; desta vez estão numa sorveteria e conversam a respeito do quanto as pessoas frívolas se preocupam com a vida alheia. Para provar que são diferentes o casal centra suas reflexões sobre modificar-se por dentro usando a força do amor e confiança. Como são alvo de olhares naquele ambiente, mesmo assim se obstinam em demonstrarem indiferença prolongando a conversa sobre inspiração do sermão de Padre Vieira que versa sobre o mesmo tema. Para eles o verdadeiro amor que só aumenta com o tempo, supera toda dificuldade por intermédio do perdão por onde se pode chegar à Perfeição.

O conto O suave colóquio de 1942 destaca a conversa de Teófilo e Maria do Amparo no escritório, local preferido dos dois para as conversações mais aprazíveis. O mote desta vez é o quanto se tornam vítimas de maledicências aqueles que se destacam na sociedade. Ele dá um exemplo do início da carreira como foi perseguido e mantendo-se íntegro e misericordioso quando ajudou aquele que o caluniara e viera pedir-lhe auxílio, para admiração da esposa. Com a menção do nome de uma figura que parece bem

quista na sociedade, Zuca, inicia-se uma reflexão sobre a diversificação entre a felicidade e o dinheiro ao que o ensinamento bíblico vem acudir com a superioridade de consciência. Mais uma vez Teófilo se desdobra em elogio e admiração pela esposa, ciosa das tradições religiosas e arredia ao culto das aparências.

Conversa ao pé do rádio (1942) é outro capítulo de novela que traz Guilherme e Amparo a entretecer suas conversações. A respeito da teoria de um certo Ludovico de que o diabo não existe, os dois iniciam uma tergiversação sobre a dicotomia do bem e do mal que todo homem traz em si; outro ponto de discussão é que o homem não perde por se deixar governar pelo coração. Mais uma vez os pontos de vista resvalam num par, emoção e razão agora servem de permeio para os argumentos de Amparo convencer Guilherme que em tudo é necessário chegar ao meio-termo. Nesse conto José de Mesquita coloca na boca da personagem feminina um comentário extremamente machista: “Uma de minhas melhores amigas, inteligente, como um homem, mas sensata, como uma velha”, para desenvolver a sua tese nas vozes das criaturas ficcionais.

O próximo conto também subintitulado capítulo de novela é Claridade de 1942. Num dia de domingo caminhando pela rua, Guilherme apresenta a Maria do Amparo sua fotografia que tinha ido buscar no fotógrafo em outro dia. Da foto retiram o mote da conversa que gira em torno da luz interior que toda pessoa poderia ter se houvesse dedicação total ao Bem. Da idéia de que toda pessoa precisa de treva para entender a luz, vem inúmeras ponderações todas contrastando a vida dedicada a aquisição de posses e prestígio com a claridade vinda da alma para iluminar os caminhos ásperos da vida; felicidade esta só possível pelos poderes do amor, a bondade, ternura e compreensão.

Outro capítulo de novela aparece sob a forma de conto em Encruzilhada (1943). Episódio em que Teófilo deve fazer uma opção do tipo definitiva na vida, não há mais como adiar. Em relação à sua vida íntima, entre continuar na liberdade que desfrutava ou se juntar

a uma outra pessoa. No caso, Amparo aconselha: “suportar com paciência as grandes, como as pequenas coisas, é o meio único de não ser infeliz.” No dilema para selar seu destino, Teófilo se lembra que ainda moço um amigo e guia espiritual lhe aconselhara ler o livro da Imitação, do qual extrai a coragem para se decidir e, como vimos nos demais contos o casamento se efetiva.

A narrativa curta *A tese do sofrimento* (1944) tem os personagens Teófilo e Maria do Amparo, apesar da variação na grafia dos nomes percebemos pela construção psicológica e temática, tratar-se do casal onipresente nas outras histórias. A discussão entre os dois é sobre a tese do sofrimento de quem praticou o bem na vida e dos que dissiparam bens. A perspicácia de observação dos acontecimentos é sempre da mulher que consegue convencer o marido, seja com exemplos diretos da Bíblia, seja de seu próprio comportamento mediado pela fé. Piedade, caridade são defrontados com o que é do campo da matéria, sempre questionado naquela perspectiva. Segundo esta tese, é preciso saber sofrer para desfrutar a felicidade.

Fé imperativa é o conto de 1950 que José de Mesquita escolhe para seus personagens agora denominados Jaci e Pedro. Narrado na ótica de Pedro, o conto trata do poder da fé de Jaci que acaba por influenciar o narrador a resgatar sua fé diante do impressionante poder da prece daquela criatura. Em todos os acontecimentos da vida do casal havia a interferência dos poderes da fé, até mesmo quando de sua união, dos reveses no começo da vida, sempre superados pela capacidade visionária de que tudo iria melhorar graças às intervenções divinas. A cada empecilho na vida, a obstinação nas rezas, especialmente o terço e os pedidos junto aos santos de devoção, insistentes até conseguir o desejado. Jaci comprovava a Pedro a sua faculdade ativa, eficiente, empreendedora e vitoriosa junto aos poderes divinos. Embora não tenha tradição na família de uma educação católica, Jaci se fez autodidata e assim como tinha postura dominadora no trato com as pessoas também imperava no setor espiritual.

Tanto as novelas quanto as narrativas curtas de José de Mesquita promovem num único episódio um tipo de encurtamento da vida para melhor compreendê-la. Nelas podemos observar atitude reflexiva, mais filosófica dando concretude, por meio dos contos, ao grande projeto literário do escritor. A mulher é seu tema de maior predileção, algo que podemos comprovar já pela ótica apresentada nos contos aqui selecionados. Dentre os vinte e cinco mencionados, onze são protagonizados por Maria da Graça e Teófilo, sete por Maria do Amparo e Guilherme e um por Jaci e Pedro. Acompanhando cronologicamente os contos, notamos que pelas referências entre parênteses logo após o título, o escritor tinha intenção de reunir as narrativas destes protagonistas numa novela que teria o título de **Graça** e Fé imperativa seria o embrião para o romance **Imagem de Jaci**, o que nunca se concretizou. Assim, desde os títulos é a mulher quem assume o primeiro plano nas narrativas, mesmo com a mudança nos nomes dos personagens, o que se nota é a predominância na introspecção centrada na imagem feminina. Diferente das personagens românticas típicas, a mulher nestes contos de Mesquita não é idealizada, o perfil nos contos acima recortados está longe de ser aquela criatura inacessível, sonhadora, transbordante de sentimentalismos.

A admiração do personagem masculino e mesmo nas ressonâncias da voz narrativa, deixam perceber o quanto a mulher nos contos de José de Mesquita é fonte do refinamento espiritual. Desde as regras simples do bem viver naquele contexto cuiabano, passando pela firmeza de caráter expressando sua diferenciação numa sociedade corrompida pela vaidade, até o tipo enigmático machadiano revestem a mulher que podemos encontrar em seus textos. Nela o escritor se inspira quando lança mão de argumentos, transformando-se em observatório da alma humana de que seus contos levam ao leitor. Dessa forma, temos elementos para afirmar que há um tom filosófico de certas narrativas no arranjo estético dado por José de Mesquita. Estipulados de maneira que ocorre o jogo estilístico quando, em tons realistas e mesmo modernistas para

a época, a mulher ganha importância em se tratando do comportamento humano de que se nutre a Literatura.

Na compilação das narrativas curtas publicadas no jornal **A cruz** em Cuiabá no início do século XX, podemos compreender da Literatura produzida por Feliciano Galdino e José de Mesquita um jeito de ser mato-grossense, modos, crenças, usos e costumes de gente simples ou pessoas instruídas que compunham a sociedade cuiabana daquele período. Os contos e as novelas pelo seu formato, contribuem sobremaneira na apreensão do comportamento humano que se discute no correr da pena de escritores acostumados a desbravar terrenos, pouco afeitos à valorização das Letras.

Referências bibliográficas

GALDINO, Feliciano. Cinzas do passado. Jornal **A cruz**, nº 886 a 904, segmentos I a XXI. Cuiabá. 1929

_____. O nosso Angelus. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1922

_____. A batina nova do sr. Vigário. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1926

_____. A árvore maldita. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1928

_____. O socorro de Jesus. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1929

_____. O meu gatinho rajado. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1932

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: Unicen. 2001

MESQUITA, José de. **No tempo da cadeirinha**. (1946). Disponível em: <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm> Acesso em: 01/09/2009

_____. O natal do comunista. (1935). Disponível em: <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm> Acesso em: 11/09/2009

_____. A encomendação das almas. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1929

_____. O salamaleque de pai João. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1929

- _____. Tíbarané. Jornal **A cruz**. nº 867, Cuiabá, 1929
- _____. O voto de João Gualberto. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1930
- _____. Visita à cathedral. Jornal **A cruz**. nº 1050, Cuiabá, 1932
- _____. O poder da prece. Jornal **A cruz**. nº 1094, Cuiabá, 1933
- _____. No país das sombras Jornal **A cruz**. nº 1108, Cuiabá, 1933
- _____. Sublimação. Jornal **A cruz**. nº 1064, Cuiabá, 1933
- _____. O pântano. Jornal **A cruz**. nº 1101, Cuiabá, 1933
- _____. Os paredistas. Jornal **A cruz**. nº 1090, Cuiabá, 1933
- _____. O assalto. Jornal **A cruz**. nº 1084, Cuiabá, 1933
- _____. A cortina branca. Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1933
- _____. O natal do comunista. Jornal **A cruz**. nº 1213, Cuiabá, 1935
- _____. Dar e receber. Jornal **A cruz**. nº 1324, Cuiabá, 1938
- _____. O modelador de almas. Jornal **A cruz**. nº 1397, Cuiabá. 1939
- _____. Estandarização. Jornal **A cruz**. nº 1401, Cuiabá. 1939
- _____. Variações sobre a vida. Jornal **A cruz**. nº 1474, Cuiabá. 1941
- _____. Amparo. Jornal **A cruz**. nº 1513, Cuiabá. 1941
- _____. Confiança. Jornal **A cruz**. nº 1539, Cuiabá. 1942
- _____. O suave colóquio. Jornal **A cruz**. nº 1557, Cuiabá. 1942
- _____. Conversa ao pé do rádio. Jornal **A cruz**. nº 1546, Cuiabá. 1942
- _____. Claridade. Jornal **A cruz**. nº 1542, Cuiabá. 1942
- _____. Encruzilhada. Jornal **A cruz**. nº 1567, Cuiabá. 1943
- _____. A tese do sofrimento. Jornal **A cruz**. nº 1654, Cuiabá. 1944
- _____. Fé imperativa. Jornal **A cruz**. nº 1901, Cuiabá. 1950.